

Potencialidades da extensão universitária

The university extension potential

potencialidades de extensión universitaria

Cathy Soares Ribeiro¹
Projecto Siona, Angola
CathyrSoares@sapo.cv

João Boaventura Ima Panzo²
Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola
Imapanzu@gmail.com

Resumo

A extensão universitária é uma das grandes apostas da Escola Superior Pedagógica do Bengo para uma melhor qualificação dos estudantes, melhorando o seu perfil de saída e contribuindo de forma activa na mudança social de várias ordens. O Director Geral da instituição, Professor Doutor Ima Panzo, reitera a importância da indissociabilidade das dimensões do ensino, da investigação e da extensão universitária, bem como a necessidade de diálogo constante entre a comunidade e a universidade.

Palavras-chave: Extensão universitária, investigação, comunidade

Abstract

The university extension is one of the great bets of the Pedagogic Higher School of Bengo for a better qualification of the students, improving its profile of exit and contributing of an active form in the social change of several orders. The Director General of the institution, Professor Ima Panzo, reiterates the importance of the indissociability of the dimensions of teaching, research and university extension, as well as the need for constant dialogue between the community and the university.

Keywords: University Extension, Research, Community

Resumen

La extensión universitaria es una de las grandes apuestas de la Escuela Superior Pedagógica del Bengo para una mejor calificación de los estudiantes, mejorando su perfil de salida y contribuyendo de forma activa en el cambio social de varias órdenes. El Director General de la institución, el Profesor Dr. Ima Panzo, reitera la importancia de la indisociación de las dimensiones de la enseñanza, la investigación y la extensión universitaria, así como la necesidad de un diálogo constante entre la comunidad y la universidad.

Palabras-clave: Extensión universitaria, investigación, comunidad

¹ Entrevistadora: Jornalista e Gestora de Projectos do Siona.

² Entrevistado: Director Geral da Escola Superior Pedagógica do Bengo e autor do livro Extensão Universitária em Angola. Tendências, Acções e Projecções.

Entrevistadora: O ensino superior está assente sobre 3 pilares: a formação, a pesquisa e a extensão universitária. Em que consiste a extensão universitária?

Entrevistado: Temos duas perspectivas de abordagem desta questão, em função do contexto desta entrevista. A primeira, que é institucional, a visão da Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPB) sobre a extensão universitária. A compreensão expressa no regulamento da actividade de extensão universitária que integra acções entendidas como projectos/programas integrados ao ensino e à investigação científica, que decorrem de forma articulada para o desenvolvimento social. Significa a mobilização da escola (estudantes, professores e outros recursos) na formação destes [os alunos] ao mesmo tempo que se contribui para a mudança social de algum tipo. Em função do objecto social da Escola Superior Pedagógica do Bengo, as acções têm sido, tendencialmente, no domínio da educação.

Pessoalmente, tenho estado a desenvolver uma reflexão sobre esta matéria, aliás, no ano passado publiquei um livro sobre a Extensão Universitária em Angola (com este título) e vi-me, também, confrontado com a necessidade de definição deste conceito, até mesmo para poder desenvolver todas as outras vertentes inerentes à extensão Universitária. Vou fazer uma breve síntese do que entendo, pessoalmente, por extensão universitária, nas seguintes palavras: “é a transformação da realidade social pela prática académica de utilização e de produção de conhecimento em interacção dialógica com a comunidade. Portanto, há que considerar as três dimensões do processo académico universitário a que se referiu (ensino, investigação e extensão universitária). E extensão é esta utilização de conhecimento pelos agentes da academia ou universitários com a intencionalidade de fazer mudanças sociais, mas também de produção de novo conhecimento sobre esta acção, portanto, não é uma acção ingénua.

Qual é a ligação entre os três pilares da universidade actual (formação, pesquisa e extensão)?

Para nós enquanto ESPB, e na minha visão pessoal, estes três pilares são nominativos do conceito de universidade. Daí que sejam também conhecidos na literatura como processos substantivos, precisamente para dizer que são os processos que designam a universidade. Sempre que falamos de universidade, remete-nos automaticamente aos três pilares [...] o ensino a investigação científica e a extensão universitária, daí que sejam indissociáveis, ou seja inseparáveis. Não se pode falar de universidade ou de instituição de ensino superior, lato sensu, sem que abordemos estes três pilares de forma conjunta. A divisão que fazemos é metodológica, mas a sua acção e actuação no dia-a-dia é conjunta, no fazer universitário. E esta concretização faz-se, à partida, na concepção da estruturação do projecto pedagógico ou do plano de desenvolvimento institucional de cada universidade ou de cada instituição de ensino superior, que procura especificar o modo como se operacionalizam cada umas dessas facetas da universidade (ensino, investigação e extensão) e forma como dialogam. E dialogam de diferentes formas.

A formação ou ensino, nesta perspectiva, visa precisamente o desenvolvimento de competências, aquisição de conhecimentos e valores para que o individuo possa exercer uma profissão na sociedade, para estarem aptos para o mercado de trabalho. A investigação científica é a parte das instituições de ensino superior que busca a inovação, o novo

conhecimento, portanto, tem este desafio de acrescentar valores ao sistema de conhecimento já existente. E a extensão universitária, por um lado, permite a socialização deste conhecimento de modo que a sociedade se aproprie desta cultura produzida pela universidade, para melhorar a qualidade de vida das pessoas. E [...] sobre o modo como estas três vertentes se concretizam na prática, dependerá muito do projecto pedagógico que cada instituição seguirá. A forma como se concebe a formação dos estudantes e a forma como se concebe o exercício da profissão docente, dirá muito sobre o modo como se articulará a questão do ensino, da investigação científica e da extensão universitária.

Em relação à ESPB, temos estado a desenvolver acções de extensão universitária por meio de projectos e outras acções colaterais, integradas nos projectos para que os nossos estudantes e professores intervenham na realidade social. Refiro-me, por exemplo, a projectos ligados à alfabetização de adultos que integra mais de 300 estudantes e 7 professores da escola, que, numa perspectiva de alargamento, ou seja de alfabetização propriamente dita, os nossos estudantes foram convertidos em alfabetizadores, por um lado, por outro lado, encontram nesta prática uma oportunidade de aprofundamento de conhecimentos sobre a andragogia, sendo esta uma matéria desenvolvida nos cursos de pedagogia, que se desenvolvem aqui na nossa instituição, só para citar um exemplo.

Temos também projectos no domínio da inclusão (necessidades educativas especiais) em que os nossos estudantes realizam acções com crianças nesta condição, bem como com as suas famílias, de modo a mitigar os efeitos da estigmatização e da exclusão dessas crianças, de modos a preparar as famílias no sentido de contribuírem para o desenvolvimento das potencialidades dessas crianças, que são seres/cidadãos que merecem atenção de qualquer de nós e de toda a sociedade. Só para citar dois exemplos de vários outros que temos aqui na nossa instituição. Ora, estes estudantes, para além de terem estas matérias como disciplinas curriculares nos cursos que frequentam, têm também esta oportunidade de interacção directa, contribuindo para a mudança de uma determinada realidade. Quando me refiro a mudanças, por exemplo, refiro-me a um olhar diferente, ao potenciamento de grupos ou sectores sociais para enfrentar uma determinada realidade de modo diferente daquele que costumavam enfrentar. No exemplo que dei de crianças com necessidades educativas especiais e suas famílias, com a acção da nossa instituição (os nossos estudantes e os nossos professores), os pais envolvidos no projecto estão, hoje, mais preparados, do que estiveram antes da acção desta instituição. Os professores destas escolas têm também este benefício, bem como crianças, que tinham dificuldades de integração social e por meio da dança e outras actividades intelectuais, sentem-se muito mais integradas, acreditam muito mais em si, sentem-se muito mais capacitadas para enfrentar os desafios da vida. São exemplos deste tipo a que me refiro como mudanças sociais [da extensão universitária].

Parece haver uma separação clara entre a formação direccionada aos estudantes, a investigação direccionada aos professores e só na extensão é que vemos a instrumentalização dos estudantes, pelos professores, para a aplicação prática do que aprende na sala de aula. Queria que fizesse uma reflexão sobre esta separação acção-agente. Há esta separação ou não? A formação está reservada aos estudantes, a pesquisa ao professor e só na extensão é que o estudante, de forma submissa, é utilizado pelo professor para que haja a acção?

Primeiro dizer que o termo submisso ou submissão não se enquadra nesta perspectiva. Esta articulação entre o ensino, investigação e extensão, ou formação como prefere designar, dá-se de forma indissociável. Isto tem muito a ver com o conceito de universidade em que cada um se guia. Esta é a primeira definição que tem de ficar clara, porque mobiliza o projecto pedagógico, todo o projecto institucional, o tipo de professores, o tipo de alunos, os objectivos institucionais instrutivos e educacionais, que vão estar a ele vinculado e, de algum modo, condicionados, ao conceito de universidade que tivermos. E a acção da própria universidade fica condicionada ao conceito que se assume como sendo universidade. Nesta perspectiva, a trilogia ensino, investigação e extensão, isso para nós, define bem o que vem a ser universidade. A universidade vai passar a ser um espaço de formação de seres, de cidadão, de homens para enfrentarem a vida em sociedade. Para enfrentarem o emprego com esta dimensão instrutiva e a dimensão educativa, têm de ter valores, têm de ser seres afáveis, amáveis, que ame a vida e que tenha ética acima de tudo, portanto, esta é a dimensão da formação, nesta perspectiva. Por outro lado, como referi, a investigação científica não é uma actividade exclusiva de professores. Os professores no subsistema do ensino superior têm a responsabilidade de orientar, de iniciar, de estruturar, tutorar todo este processo, portanto, precisam de ser investigadores experimentados para orientar da melhor forma os seus estudantes. Eles precisam, eles próprios, de ser agentes de investigação. A extensão universitária não se resume simplesmente à prática, mas é um meio de socialização da cultura do conhecimento que se desenvolve com a intencionalidade de produzir outro conhecimento, de acrescentar valores ao sistema de conhecimentos existente. Então, não é certo que a investigação científica seja reservada aos professores e que os estudantes fiquem excluídos desta função. Os professores, enquanto orientadores/tutores, devem integrar os seus estudantes e, com eles, produzir investigação científica que conduza ao novo conhecimento. É esta a perspectivas a que me refiro, em relação à indissociabilidade entre o ensino, investigação e extensão. Ora, se o estudante desenvolver acções como aquelas a que me referi anteriormente, alinhadas ao seu perfil de saída, obviamente que estará a aprofundar estes conhecimentos teóricos e terá oportunidade de concretizá-los na prática, de estabelecer uma relação proficua entre a teoria e a prática.

As três dimensões concorrem para a formação integral dos estudantes e concorrem para a realização da função do docente do ensino superior, ou universitário, ao mesmo tempo concorrem para a concretização do objecto social da própria instituição de ensino superior. É por essas três dimensões que a universidade, que a instituição de ensino superior, se realiza na sociedade como uma mais-valia, portanto, não vejo aqui possibilidade, talvez o modo de operacionalização muitas vezes pode diferir num lugar e noutra, priorizando mais uma vertente do que a outra, mas a concepção que defendemos e que temos estado a procurar materializar na ESPB é precisamente neste sentido de indissociabilidade entre ensino, investigação e extensão Universitária, no quadro do projecto pedagógico da instituição.

Nem todos os projectos podem ser classificados como extensão, quais são os elementos imprescindíveis para a extensão universitária?

Como disse inicialmente a acção de extensão universitária, entendida como projecto ou programa, tem como finalidade a resolução de um problema social de algum tipo, a transformação da realidade social e, por esta via, guiar-nos para caracterizar as acções de um projecto. Uma primeira acção tem a ver com o carácter didático-pedagógico da acção, que dizer que a acção a ser desenvolvida no projecto tem de concorrer para o

desenvolvimento integral do aluno, em relação ao curso que desenvolve, portanto, tem de ter uma vinculação curricular. Ou seja, se estiver a formar um professor do ensino primário a acção a ser desenvolvida no projecto de extensão universitária tem de estar orientada neste sentido, em realizar acções concretas no ensino primário, com agentes, crianças ou até mesmo materiais didáticos deste nível de ensino. Então, um dos critérios será a vinculação curricular, neste sentido, com o perfil de saída do formando.

Outro dos critérios será o estar alinhado a uma determinada política pública do estado. O que quer dizer que a ESPB desenvolve projectos no domínio da alfabetização porque a alfabetização, reconhecidamente, é uma necessidade social no nosso país e internacionalmente também, que precisa de mobilizar todos os agentes da escola e não só no sentido de diminuirmos ou erradicarmos o analfabetismo. As acções a serem desenvolvidas estão também orientadas à resolução de problemas sociais concretos alinhados às políticas públicas do desenvolvimento do país. Da mesma sorte se enquadra o projecto, de que me referia, sobre necessidades educativas especiais, portanto, os documentos orientadores do desenvolvimento do nosso país deixam bem claro necessidade ou a defesa da inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais. Ao realizamos acções neste domínio, por meio de um projecto, estamos precisamente a cooperar na materialização deste desiderato estatal. Este é outros dos requisitos.

Podemos acrescentar, ainda, a necessidade de integração da comunidade. É necessário que o projecto de extensão universitária permita identificar o que seja relevante para o ensino (a vinculação curricular), que acção de investigação científica irá desenvolver no âmbito da concretização deste mesmo projecto e de que modo a comunidade - quando referimos à comunidade, integram aqui grupos sectoriais/socias diferentes, mas também empresas. As empresas são aqui também integradas como comunidade, a acção/o projecto pode estar orientado ou a desenvolver-se numa determinada empresa ou num espaço empresarial como pode estar orientado para um grupo social. Esta identificação do modo como se desenvolvem as ações relacionadas com o ensino, relacionadas com a investigação científica e a integração da comunidade, no sentido de resolução do problema social, são fundamentais para caracterizar um projecto de extensão universitária, distinguindo-o de outros projectos sociais que existam.

A extensão universitária, para alguns autores, é uma relação unidirecional no sentido universidade – comunidade, em que a universidade é encarada como figura de autoridade. Para outros, a extensão pode ser iniciada na sociedade, abrindo a possibilidade de diálogo. Qual a sua posição, enquanto pesquisador e académico angolano, tendo em conta a realidade do país, quanto a esta questão?

Talvez seja importante referir que na minha obra sobre extensão universitária (*Extensão Universitária em Angola: Acções, Tendências e Projecções*) referi, dada a existência de diferentes tipos de projectos de extensão, muitas vezes este rótulo é atribuído indevidamente a projectos como sendo extensão. Apresento uma classificação sobre a acção da extensão universitária com base no ciclo gnoseológico de Paulo Freire, por meio do qual se classifica, num primeiro momento, a extensão pode ser imperfeita ou extensão ingénua, no segundo, extensão semi-perfeita ou semi-íngeua e, em último lugar, a extensão perfeita ou extensão gnoseológica. A extensão gnoseológica, que é o último ciclo, na minha perspectiva, integraria as três dimensões (ensino, investigação e extensão). A relação com a

comunidade está implícita ao termo extensão universitária. Porém, há projectos de extensão que em muitos casos deixam de fora uma ou outra dimensão, daí a variedade desta classificação, para integrar, de uma forma mais extensiva, todo o conjunto de acções que se desenvolvem com o rótulo de extensão universitária. Em suma, ela pode ser imperfeita ou ingénua, semi-perfeita ou semi-íngenua, periferia ou gnoseológica.

É necessário clarificar a importância da comunidade na extensão universitária neste diálogo universidade-comunidade-universidade, não só no sentido do contributo da universidade na mudança da realidade social. Como é que a sociedade propõe, actualmente, para alguns autores, a extensão na direcção sociedade-universidade (em que a sociedade propõe temas, propõe assuntos à universidade)?

A perspectiva que temos é que a comunidade desempenha aqui um papel muito importante, não só de beneficiária do conhecimento produzido pelas instituições do ensino superior, mas como aquela que participa na produção do novo conhecimento. Os agentes comunitários, ou as comunidades, têm saberes, conhecimentos, visões, sentimentos, valores que são considerados fundamentais para a construção desse novo conhecimento. A apropriação de novos conhecimentos, de tecnologias, de outras práticas que se julgam cientificamente viáveis e favoráveis deve ser feita numa perspectiva de reconhecimento da actividade do agente e da comunidade, é esta a perspectiva com que nos guiamos. Para ser mais preciso, no projecto de necessidades educativas especiais, são agentes da comunidade os próprios alunos da escola especial, os seus encarregados de educação, portanto, os pais ou outros, mas também os professores e a direcção da escola especial, bem como a Administração Municipal, a Direcção Provincial da Educação, que desempenham, cada um, um determinada do papel cuja acção concorre para a transformação desta realidade social intervencionada. Não se olha para a comunidade como um grupo de sujeitos passivos. É sempre numa perspectiva de cidadania, activa, que, em colaboração com os agentes da universidade, participam na produção do novo conhecimento.

Numa primeira fase, o ensino superior em Angola, surgiu como uma necessidade colmatar as “lacunas” de quadros superiores deixadas no pós-guerra, caminhando, posteriormente para a essência da formação. Como é que classifica o ensino superior angolano actual?

É uma opinião pessoal, como agente deste subsistema de ensino, o ensino superior, há muito que se lhe diga, porém vou-me ater no desafio do momento, que tem a ver com o desafio da qualidade. Assistimos, nos últimos tempos, a uma proliferação de instituições de ensino superior, pelo país, o que levanta o questionamento sobre a qualidade dos docentes, das infraestruturas, dos alunos que chegam ao nosso subsistema e que dele saem. A questão de qualidade é a grande preocupação do momento. Há de facto que olhar de forma crítica para as condições (os recursos) colocados à disposição das instituições do ensino superior para a realização da sua missão social. Cada uma com a sua área de actuação específica, mas no essencial, ainda há um trabalho muito grande por se fazer em relação à qualificação do corpo docente. Qualificação porque, ultimamente, assistimos a uma maior titulação, uma corrida aos títulos e uma baixa qualificação quer de professores quer de estudantes. O que requer, em muitos casos, uma reflexão profunda e uma actuação diferente ou uma formação mais sólida nos domínios específicos de actuação social de cada um.

Há, de facto, uma procura muito alta em relação aos títulos e que, muitas vezes, não corresponde com a qualificação das pessoas que ostentem os tais títulos. E isto também verifica-se ao nível da classe docente. Temos, de facto, de reconhecer que há professores, investigadores e “extensionistas” de nível internacional, mas infelizmente há também aqueles que precisam ainda de alguma ajuda para que possam elevar a sua qualificação, para que possam corresponder à titulação que têm. Neste domínio, há, de facto, uma grande carência de ampliação de condições e de maior abertura.

A par deste quesito da qualificação do corpo docente e dos agentes do subsistema do ensino superior, há também uma grande necessidade, sobretudo no sector público, de melhoria das condições de trabalho. Refiro-me às infraestruturas físicas, aos meios técnicos laboratoriais, para que se possa então fazer uma formação, uma investigação e extensão de elevada qualidade. Portanto, é fundamental que as instituições tenham um orçamento à altura da sua missão social, o que muitas vezes não acontece. Aliás, estamos num momento muito delicado do ponto de vista económico, porém há que se atribuir uma atenção muito particular ao subsistema do ensino superior, na medida em que a sua acção redunde sempre na elevação de qualidade de vida de toda a sociedade, portanto, há aqui um efeito em cascata. Se não tivermos pessoas muito bem formadas, se não tivermos universidades capazes de as formar ao nível do que se faz internacionalmente, teremos então um défice muito grande no desenvolvimento da nossa sociedade. Estas questões julgo serem centrais para os desafios das nossas universidades ou instituições de ensino superior de uma forma geral, no nosso país. O momento é precisamente pela ampliação da oferta, como é óbvio, temos uma população que cresce de uma forma exponencial, o que requer também da parte das instituições do ensino superior uma resposta nesta dimensão. Porém, temos de afinar a qualificação de modos a oferecermos ao mercado de trabalho e à sociedade pessoas muito bem formadas, tanto do ponto de vista instrucional como educacional, portanto, são estas as questões que julgo serem fundamentais para as nossas instituições, hoje em dia. A aposta na universidade e a aposta na integração social no desenvolvimento da sociedade.

Recebido em 30 de Abril de 2019

Aceite em 19 de Maio de 2019

Publicado em 23 de Maio de 2019